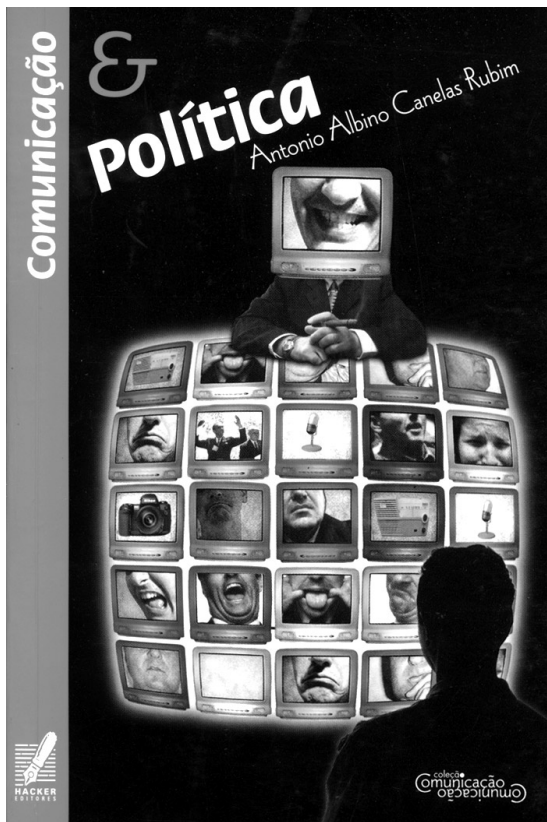


# Comunicação & Política

Comunicação & Política, S. Paulo, RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim CanelasHacker. 2000, 133 páginas.



COSTUMA-SE DIZER QUE tanto a política quanto a comunicação trabalham com alguns elementos em comum, o principal dos quais as imagens. Efetivamente, a comunicação depende essencialmente de sinais - genericamente designados enquanto signos - para circular entre emissores e receptores, constituindo uma coletividade. Do mesmo modo, a política vive essencialmente de imagens, em especial aquelas das quais se possa extrair significados simbólicos, de tal sorte que, muitas vezes, chega-se a afirmar, como no caso de César, que não basta ser sério e correto, mas deve-se construir esta imagem com o eleitor.

Se a comunicação participa da formação da opinião pública, a atividade política está absolutamente mergulhada na opinião pública. Enfim, se é impossível imaginar uma sociedade humana isenta de comunicação, do mesmo modo não se pode pensar um processo político sem que as ações de seus agentes encontrem divulgação nos públicos.

A relação, portanto, ainda que aparentemente recente no que toca aos estudos acadêmicos, é, na verdade, reconhecidamente estudada há muitos séculos. Pode-se dizer mesmo desde o primeiro momento em que os pensadores gregos - aí compreendidos Platão e Aristóteles, dentre outros - pensaram a sociedade humana e se indagaram a respeito das potencialidades do pensamento humano.

“Comunicação & Política”, de Antonio Albino Canelas Rubim, não tem outra pretensão do que trazer um conjunto de reflexões a respeito do intercruzamento destes dois temas, especialmente sob a perspectiva do estágio em que os estudos

**Antônio Hohlfeldt**

Prof. Coordenador do PPGCOM – FAMECOS/PUCRS

---

sobre o tema se acham desenvolvidos em nosso país.

Ele prefere mostrar que academicamente (ou politicamente ?) a preocupação com o assunto emerge do entreguerras do século XX, de um lado e, de outro, da própria consciência do crescente significado das massas e das multidões, a partir dos estudos do final do século XIX, quando se estrutura na Europa os estudos de sociologia. Lembrados os autores pioneiros, de Gabriel Tarde e Gustave le Bon e Ortega y Gasset, aos clássicos do século atual, como Walter Lippmann e John Dewey, Harold Lasswell e Paul Lazarsfeld, Michel Foucault ou Giovanni Sartori, o autor vai traçando as diferentes linhas pelas quais o campo interdisciplinar vai se constituindo até o momento atual.

Não se trata, obviamente, de um livro para iniciante, ou seja, para um estudante recém-chegado a uma Faculdade de Comunicação, de Direito ou de Estudos Políticos. Mas também não é nenhum texto erudito e cerrado, de leitura impossível: ele exige conhecimento de alguns autores e de alguns conceitos básicos, a partir do que o texto se torna fluido e de atenção equilibrada, que se lê com gosto e interesse.

Antonio Rubim, como é mais conhecido, refere o que denomina de idade mídia para falar da contemporaneidade, reconhecendo a primazia dos meios eletrônicos de comunicação que envolvem inclusive a prática político-partidária, mas sem cair naquela perspectiva apocalíptica, muitas vezes encontrável (por exemplo, em Bourdieu ou Enzensberger), segundo a qual a mídia viria a substituir a atividade político-partidária em sentido estrito. Valorizando a emergência das redes comunicacionais, que permitem a aceleração da globalização, Albino Rubim apresenta também os contrapontos, como a glocalidade, que G. Benko utiliza a partir de 1990, para indicar a combinação entre o global e o local, fenômeno, aliás, que boa

parte dos estudos culturais desenvolvidos na América Latina, dentre outros por Martin Jesús-Barbero ou Nestor Gacia Canclini, também apontam.

Assim, ainda que alertando para o risco do simulacro, o autor reconhece que, “os enlaces entre política e comunicação, simultaneamente complementares e conflituosos, ao se (re)adequarem à nova circunstância de ambiente configurada pela mídia, possibilitam a emergência de novas configurações da política” (p. 46).

É a partir desta perspectiva que ele desenvolve o segundo e principal bloco de seu estudo, revisando a bibliografia clássica, de Hobbes e Locke aos autores atuais como Roger-Gérard Schwartzberg ou Oscar Landi e Guy Débord, sublinhando que:

“os novos ingredientes, em vez de serem desqualificados como intrusos e portadores de lógicas estrangeiras à política, devem ser compreendidos em sua novidade e pensados em sua espacialização, ainda não bem delineada, no campo da política, bem como em sua articulação e tensão com os antigos elementos que davam substância a este campo” (p. 55).

Neste sentido, ganha um grande espaço o debate em torno da chamada espetacularização da política, que assusta a muitos, mas cuja autonomia o autor sempre sublinha, a partir do pensamento primeiro de Max Weber, que considera a ambas como esferas autônomas embora correlatas da organização social.

Talvez se pudesse abrir uma discussão com o autor sobre o conceito de políticos profissionais (p. 91) ou um enfoque segundo o qual, ainda que não explicitado, parece se aceitar implicitamente a existência de uma classe política, do que, pessoalmente, discordo. Mas esta é uma questão menor diante dos objetivos do livro, cuja organização é muito clara e objetiva, e cuja utilidade, enfim, está comprovada

---

inclusive pela inclusão de um utilíssimo “roteiro de viagem” com que o volume se encerra, além de uma alentada bibliografia